

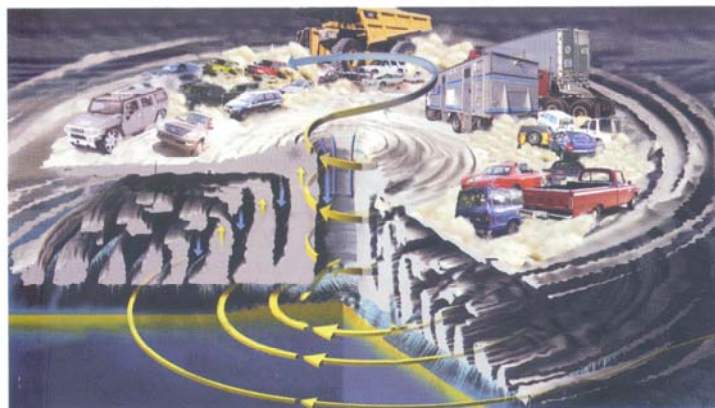
Desenvolvimento e crescimento econômico: pode parecer igual, mas não é!

O desempenho recente da economia tem sido saudado como a chegada de uma nova era no Brasil. Esse otimismo mereceu até a criação de um jargão, o famoso “Nunca antes na História desse país”, que Lula usa ao cansaço, e que já recebeu homenagens até do pessoal do Casseta & Planeta. Mas será que um exame cuidadoso do ufanismo governista reflete a realidade em que está imersa a maior parte da população brasileira? Um exame das notícias acerca de enfrentamentos sociais ocorrendo nos mais variados pontos do Brasil mostra que o atual modelo econômico, longe de melhorar a situação objetiva de pobreza e segregação social em que a maioria dos brasileiros se encontra, está ampliando o fosso que divide pobres e ricos e ampliando os episódios de violência. O pior é que nestes episódios são os mais pobres e politicamente frágeis que arcam com os principais ônus de viver em uma sociedade altamente polarizada.

Mas o estudo dos elementos que explicam esta situação que mistura profundas diferenças sociais e econômicas não é algo recente. A questão da desigualdade já mereceu a atenção de governantes e estudiosos acerca dos caminhos que deveriam ser trilhados para serem geradas as condições necessárias para diminuir as diferenças colossais que marcam as condições de vida na maioria dos países do mundo, o Brasil incluso. Assim, a busca de soluções para o cenário social, econômico e político existente nos países localizados na periferia capitalista foi feita através da adoção de receituários que se resumiam a atacar os problemas de ordem econômica. Deste modo, a partir dos acordos feitos entre os vencedores da Se-

gunda Guerra Mundial nos chamados acordos de Bretton Woods, o receituário adotado concentrou-se em aplicar receitas de cunho economicista, normalmente voltadas para a adoção de modelos de crescimento econômico que seriam responsáveis por gerar desenvolvimento econômico.

Esta fórmula acabou gerando uma equalização de dois conceitos que até soam bem quando colocados juntos, mas que não são, de forma alguma, sinônimos. O problema começa pelo fato de que a medida de crescimento de uma dada economia é algo que já possui grande acordo sobre



como ser realizado. Isto é feito através do uso de parâmetros de cunho monetário e financeiro. Por outro lado, não há o mesmo tipo de acordo em torno da definição de desenvolvimento, que por isto tem evoluído bastante ao longo do tempo. Uma voz relevante no debate contemporâneo em torno da definição de desenvolvimento é Amartya Sen, o indiano que recebeu o prêmio Nobel de economia por seu modelo de economia solidária. Sen postula que o desenvolvimento representa um processo de ampliação da capacidade dos indivíduos de ter e fazer escolhas. Este pensamento inova o debate em torno da dicotomia desenvolvimento e crescimento, pois relativiza os fatores materiais e os in-

dicadores econômicos, e enfatiza a necessidade da ampliação do horizonte social e cultural da vida das pessoas. Na base desta argumentação está a premissa de que a base material do processo de desenvolvimento é fundamental, mas deve ser considerada como um meio e não um fim em si.

O principal desafio é formular políticas que permitam, além do crescimento da economia, a distribuição mais equitativa da renda e o pleno funcionamento da democracia. Assim, é errôneo acreditar que o simples crescimento da economia vai ser suficiente para gerar desenvolvi-

tionam a supremacia da economia sobre o desenvolvimento.

Por isto, é preocupante a euforia despreocupada que tem acompanhado a consolidação de vários megaempreendimentos em nossa região, como no caso dos complexos do Açúcar e da Barra do Furado. O fato é que, se tudo o que está sendo anunciado se concretizar, as mudanças sociais e ambientais que se seguirão serão dramáticas, afetando não apenas os habitantes das áreas de entorno, mas também as populações dos municípios limítrofes como Campos, São João da Barra e Quissamã. Afinal, o que se antevê se medidas preventivas não forem adotadas é o aumento da poluição e da degradação ambiental, e uma enorme pressão sobre serviços públicos que já se encontram sob grande estresse, como saúde e educação. Também poderemos ter um crescimento significativo do custo de vida, e provavelmente da violência urbana. Assim, se analisarmos essa situação de forma mais ampla, veremos que estamos sob a iminência de sermos imersos numa mistura de crescimento com subdesenvolvimento. Deste modo, discutir este quadro deveria estar no centro de qualquer discussão responsável sobre o nosso futuro. Omissão neste momento significará mais de tudo aquilo que hoje nos assombra em nossos pesadelos.

Marcos Pedlowski, PhD em Planejamento Regional pela Virginia Tech, Professor do Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico, Centro de Ciências do Homem, UENF.

mento. O pior é que, na maioria das vezes, o crescimento econômico ocorre à custa dos ecossistemas naturais e daqueles grupos sociais que mais dependem deles para sua reprodução. Um elemento adicional é que os custos são distribuídos de forma desigual, e as conseqüências mais nocivas normalmente recaem sobre aqueles que menos usufruem de um eventual momento de crescimento econômico. Além disso, raramente conseguimos retirar o véu ideológico que recobre as propostas que equalizam crescimento a desenvolvimento. O mais comum é vermos as corporações econômicas e seus aliados dentro do Estado gastando recursos vultosos para desqualificar aqueles que ques-